

**PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL
EM DOSSIÊ DA REVISTA *CULT*:
TRAÇOS DE MODALIZAÇÃO
EPISTÊMICA E DE DIFERENTES
INSTÂNCIAS DE SENTIDO
VINCULADAS ÀS CATEGORIAS
ETHOS, PATHOS E LOGOS
DA RETÓRICA**

**PRIMERA PERSONA DEL PLURAL EN DOSSIER DE LA REVISTA *CULT*: TRAZOS DE
MODALIZACIÓN EPISTÉMICA Y DE DIFERENTES INSTANCIAS DE SENTIDO
VINCULADAS A LAS CATEGORÍAS *ETHOS, PATHOS Y LOGOS* DE LA RETÓRICA**

**SOME ANALYSES OF THE FIRST PERSON PLURAL IN THE PORTUGUESE LANGUAGE IN
CULT MAGAZINE DOSSIER: EPISTEMIC MODALIZATION FEATURES AND DIFFERENT
MEANINGS ASSOCIATED WITH *ETHOS, PATHOS* AND *LOGOS* CATEGORIES
OF RHETORIC**

Renan Paulo Bini*

Aparecida Feola Sella**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO: Investiga-se, neste artigo, o uso da primeira pessoa do plural em recortes do texto *Consciência e lutas feministas: conquistas e desafios no Brasil*, texto que apresenta o dossiê *Percepções do Feminino e Ações Feministas*, publicado na Revista *Cult*/Edição 210/2016. Considera-se que essa pessoa do discurso pode agregar ao texto modalização epistêmica e diferentes instâncias de sentido vinculadas às categorias *ethos, pathos e logos* da Retórica. A base teórica desta pesquisa é composta,

* Doutorando em Letras da Unioeste e Bolsista da Capes; Mestre em Letras; Especialista em Marketing, Propaganda e Vendas; Graduado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo; e Graduado em Letras Português/Italiano. E-mail: renanpaulobini@hotmail.com.

** Docente do Curso de Graduação em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras – Linguagem e Sociedade e do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste); Doutora em Letras; Mestre em Letras; e graduada em Letras. E-mail: afsella1@yahoo.com.br.

principalmente, por pesquisas sobre Modalização e Retórica e também orientações da Sociolinguística relativas ao uso do pronome “nós”. As análises dos recortes selecionados demonstram que a primeira pessoa do plural apresenta, no texto, três dimensões de sentido. Nota-se que, apesar de se tratar de uma pessoa do discurso, o recurso linguístico orienta os sentidos no texto, se considerada devidamente atrelada ao conteúdo dos enunciados e à imagem que se constrói do produtor do texto com a provável plateia.

PALAVRAS-CHAVE: Primeira pessoa do plural. Modalização. *Ethos. Pathos. Logos.*

RESUMEN: En este artículo, se investiga el uso de la primera persona del plural en recortes del texto *Consciencia y luchas feministas: conquistas y desafíos en Brasil*, texto que presenta el dossier *Percepciones del Femenino y las acciones feministas*, publicado en la Revista *Cult*/ Edición 210/2016. Se considera que esa persona del discurso puede agregar al texto modalización epistémica y diferentes instancias de sentido vinculadas a las categorías *ethos*, *pathos* y *logos* de la Retórica. La base teórica de esta investigación está compuesta principalmente por investigaciones sobre Modificación y Retórica y también orientaciones de la Sociolinguística relativas al uso del pronombre "nosotros". Los análisis de los recortes seleccionados demuestran que la primera persona del plural presenta, en el texto, tres dimensiones de sentido. Se observa que, a pesar de tratarse de una persona del discurso, el recurso lingüístico orienta los sentidos en el texto, si se considera debidamente ligada al contenido de los enunciados y la imagen que se construye del productor del texto con la probable platea.

PALABRAS CLAVE: Primera persona del plural. Modalización. *Ethos. Pathos. Logos.*

ABSTRACT: This research aims at investigating the use of the first person plural in journalistic text *Feminist Conscience and Struggles: conquests and challenges in Brazil*. This text shows the dossier *Perceptions of Feminine and Feminist Actions*, published in *Cult Magazine*, 210/2016. It is taken into account that this subject of discourse can add epistemic modalization and different instances of meaning to the text, which are associated with *ethos*, *pathos* and *logos* categories of Rhetoric. The theoretical basis of this research is constituted of research on Modalization and Rhetoric as well as guidelines on the use of the pronoun "we" from Sociolinguistics. It is highlighted that, although it concerns a subject of the discourse, this linguistic resource guides the meanings in the text if it is considered duly associated with the content of statements and image that is built of the text producer with the likely audience.

KEYWORDS: First person plural. Modalization. *Ethos. Pathos. Logos.*

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta reflexões a respeito do funcionamento da Primeira Pessoa do Plural (doravante PPP), como elemento modalizador e como marca retórica, no texto *Consciência e lutas feministas: conquistas e desafios no Brasil*, do dossiê *Percepções do Feminino e Ações Feministas*, da Revista *Cult*.

Para esta proposição, consideramos pesquisas já realizadas a partir da perspectiva de que a argumentação em textos jornalísticos constrói-se por meio da relação entre o produtor do texto (*ethos*), a argumentação textual (*logos*) e o público-leitor (*pathos*), com enfoque específico na forma em que a primeira pessoa do plural imprime sentidos, modaliza e relaciona-se a essas categorias. Também se consideram orientações de sociolinguistas relativas ao uso do pronome “nós”, como a proposta de Lucchesi (2009), visto que se trata de marca linguística recorrente no *corpus*, e que, por isso mesmo, gerou o enfoque desta pesquisa.

Para o desenvolvimento deste percurso, na segunda seção deste artigo, desenvolvemos reflexões sobre Modalização. Os estudos sobre modalização são, de acordo com Neves (2006, p. 151), “de notável diversidade” devido aos diferentes conceitos sobre a categoria, suas diferentes orientações teóricas e às diversas categorias de análise. Também se espera focar a observação sobre os modalizadores de eixo epistêmico, haja vista a recorrência de expressões epistêmicas realizadas por meio da PPP, e na reflexão sobre como essa pessoa do discurso, aliada ao morfema lexical dos verbos, pode imprimir modalização ao texto.

Na terceira seção, *A retórica e as categorias ethos, pathos e logos*, constam estudos sobre a Retórica, com foco nas categorias *ethos*, *pathos* e *logos* e suas relações com o texto jornalístico. Na quarta seção, *Traços de modalização e instâncias da retórica em dossiê da*

revista Cult, apresentamos a trajetória metodológica, o contexto que envolve o nosso *corpus* e análises. Na sequência, são apresentadas nossas considerações finais e as referências desta pesquisa.

Considerando que notamos que a PPP é utilizada em recortes do *corpus* para imprimir modalização e três instâncias de sentido, na parte metodológica, descrevemos a adaptação da proposta de Lucchesi (2009) e propomos adaptação de categorias da retórica ao uso específico da PPP que conferem à pessoa do discurso valor argumentativo. A saber: *ethos específico*; *ethos + pathos circunscrito*; e *ethos + logos*.

2 NOÇÕES DE MODALIZAÇÃO E A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Autores como Castilho e Castilho (1993), Neves (2000), Corbari (2013, 2016), Peixoto (2015), entre outros pesquisadores da área, afirmam que verbos, adjetivos e advérbios desempenham a função de imprimir modalização aos enunciados. Por outro lado, como exemplificaremos a seguir, esta pesquisa também considera a possibilidade de a utilização da PPP materializar nos enunciados essa mesma função.

Inicialmente, partimos da observação de estudos já realizados sobre modalização. Segundo Castilho (1994), os elementos modalizadores expressam a avaliação pessoal do produtor a respeito de seu conteúdo; ou seja, por meio desses elementos linguísticos, o produtor do texto realça sua intervenção ou ação de orientar o discurso. Para Corbari (2016), a modalização é utilizada pelo produtor do texto a partir da forma em que ele relaciona recursos linguísticos e os manipula para agirem sobre a plateia, orientando a produção de sentidos ao escolher o conteúdo que vai verbalizar e a forma de fazê-lo. Já Peixoto (2015, p. 72) afirma que “[...] a modalização no enunciado seria aquela na qual certos termos formais são responsáveis pela marca modal que o sujeito imprime no enunciado”.

Considerando as marcas linguísticas de argumentatividade, podemos entender os modalizadores como elementos que ampliam, modificam e orientam efeitos resultantes da sua relação com o léxico. Travaglia (1991, p. 65) discute que a modalização reflete “[...] a atitude do falante em relação ao que é dito, bem como a atitude de outrem, mas que o falante insere, por alguma razão, no que diz”. Neves (2000, p. 253), por outro lado, aponta que “[...] com os modalizadores, o falante exprime reações emotivas, isto é, manifesta disposição de espírito em relação ao que é afirmado ou negado”. Já Campos (2001, p. 169) afirma que os elementos modalizadores inserem a “atitude de quem fala relativamente àquilo que diz e ao seu interlocutor”.

Para Neves (1996), a modalização pode se manifestar por meio de verbos, advérbios, adjetivos, substantivos e pelas categorias gramaticais de tempo, aspecto e modo do verbo da proposição. De acordo com a autora, a modalidade¹ pode ser compreendida como a relação que se estabelece entre o produtor e seu enunciado.

De acordo com Neves (2006), as categorias de modalização mais observadas em análises desenvolvidas por pesquisadores da área são: aléticas, que pertencem ao eixo da verdade; epistêmicas, inseridas no eixo do conhecimento e da crença; bulomaicas, que se referem ao desejo; deonticas, inseridas no eixo da obrigação; temporais, que se referem ao tempo; avaliativas, pertencentes ao eixo do julgamento; causais, que se referem a causas; e probabilísticas, inseridas no eixo da probabilidade.

Por outro lado, apesar de a autora mencionar todas as categorias descritas acima, considera, para suas análises, principalmente os eixos deontico e epistêmico. A partir da reflexão sobre os estudos de Neves (2006), notamos que muitos dos diferentes eixos possíveis de categorização de elementos modalizadores, caso comparados, podem convergir. Modalizadores classificados por alguns pesquisadores como aléticos, por exemplo, também podem ser analisados por meio da categoria epistêmica, uma vez que, segundo

¹ A autora utiliza os termos indistintamente para indicar modos de interação social no uso linguístico e como nesses usos marcas linguísticas se realizam como modalizadores. Dessa forma, é possível verificar em Neves (2006) um subtítulo *modalidade epistêmica e evidencialidade*, uma vez que imediatamente após o título, a expressão **modalização epistêmica** indica relacionar-se ou envolver uma atitude do produtor do texto relacionada à fonte de conhecimento com a qual pode estar ou não comprometido. Esta oscilação dos termos deve ser devidamente concebida, uma vez que a autora reconhece os modalizadores como “uma grande diversidade de formas de sentidos e de empregos” (NEVES, 2006, p. 169).

Neves (2006, p. 159), “[...] é muito improvável que um conteúdo asseverado num ato de fala seja portador de uma verdade não filtrada pelo conhecimento e julgamento do falante”.

Pesquisadores como Castilho (1994), Pietrandrea (2002) e Neves (2006) destacam a importância dos modalizadores de cunho deontico e epistêmico. De acordo com Castilho (1994), os modalizadores epistêmicos referem-se ao eixo da crença, reportando-se ao conhecimento do produtor do texto sobre um estado de coisa. Já os elementos de cunho deontico, segundo este autor, indicam que o produtor do texto considera o conteúdo proposicional como um estado de coisas que precisam ocorrer obrigatoriamente.

Para a nossa pesquisa, a modalização epistêmica (do grego *episteme*, que significa “[...] conhecimento”) tem relevância, porque observamos que a utilização da PPP pelo produtor do texto pode imprimir no texto sentidos como os aqui discutidos. Para Pietrandrea (2001), por exemplo, os elementos epistêmicos manifestam a opinião do produtor²; já para Koch (2002), se referem ao eixo da crença. Por outro lado, de acordo com Neves (2006, p. 160), este eixo está relacionado “com a necessidade e a possibilidade epistêmica, que são expressas por proposições contingentes, isto é, que dependem de como o mundo é”.

Para explicar como elementos linguísticos podem modalizar frases no eixo epistêmico, Pietrandrea (2001, p. 03, tradução nossa)³ apresenta diversos exemplos. Observem-se dois: “1) Talvez também seja complicado para eles se aproximarem de mim, quem sabe; 2) Essa coisa deve ter lhe estressado muito [...]”. Além disso, segundo a autora, o elemento modalizador epistêmico pode, também, ter a função de condensar a atitude do produtor do texto de forma que fique menos explícita. Observe-se, segundo Pietrandrea (2001, p. 7, tradução nossa)⁴, como o elemento modalizador **deve** pode condensar a atitude do produtor do texto:

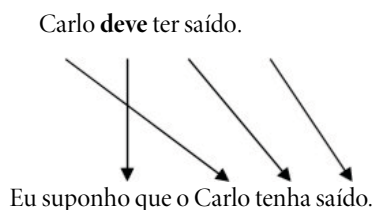


Imagem 1: Exemplo em italiano

Fonte: Pietrandrea (2001)

Campos (2001, p. 169) compreende que, além desses eixos, os modalizadores epistêmicos também podem imprimir valores de “saber” aos enunciados. Por exemplo, em “Sofia está na piscina”, ou “Sofia não está na piscina”, os enunciados possuem valor de asserção estrita, sentido este que a pesquisadora também aponta como uma forma de modalização epistêmica.

Em relação a elementos modalizadores que materializam sentidos de crença nos enunciados, Campos (2001, p. 170, grifos nossos) apresenta os seguintes exemplos: “a Inês **deve** ter ido à praia”, “a Inês **pode** ter ido à praia” e “a Inês **talvez** tenha ido à praia”. Se comparados esses exemplos, do eixo da crença, aos exemplos desenvolvidos, também por Campos (2001), para o eixo do saber, torna-se possível afirmar que, a partir da utilização dos elementos linguísticos do eixo da crença, o produtor do texto se compromete muito menos com o que é dito na medida em que apenas manifesta a sua opinião e não apresenta a informação como verdadeira.

Estudos de Castilho (1994, p. 86) registram que “[...] os modalizadores epistêmicos expressam uma avaliação sobre o teor de verdade da classe-sujeito. Eles podem ser asseverativos e quase-asseverativos”. Em relação aos elementos asseverativos, conforme Castilho (1994, p. 86), “[...] indicam que o falante considera o conteúdo proposicional, o qual é afirmado ou negado de maneira a não dar margem a dúvidas”; já os quase-asseverativos “[...] indicam que o falante considera o conteúdo expresso como quase certo, próximo à verdade”.

² “La modalità epistemica è definita come la categoria che descrive “l’opinione” del parlante nei confronti della proposizione” (PIETRANDREA, 2001, p. 02-03).

³ 1) “Forse sarà stato anche complicato per loro avvicinarsi a me, chissà; 2) Questa cosa deve essergli costata molto stress”.

⁴ Primeira frase: “Carlo deve essere uscito”; Segunda frase: “Io suppongo che Carlo sia uscito”.

Outro eixo considerado por pesquisadores que analisam modalizações epistêmicas é o da **evidencialidade**. Segundo Dall’Aglio-Hattner e Pezatti (2004, p. 3), “[...] por meio da evidencialidade o falante indica a evidência que está disponível para assegurar a confiabilidade da informação veiculada”. Para a pesquisadora, existem duas formas de modalização epistêmica que podem ser classificadas como de evidencialidade: **evidência direta** e **evidência indireta**. No primeiro caso, podem ser classificados os elementos linguísticos que imprimem no texto o sentido de que o produtor do texto testemunhou uma determinada situação (evidência atestada). No segundo, o produtor do texto relata informações que recebeu de outra pessoa (evidência relatada), ou quando infere a situação a partir do raciocínio lógico (evidência inferida).

Nesta pesquisa, observamos, especificamente, os elementos de eixo epistêmico, considerando a especificidade da pesquisa, que se volta, conforme já anunciado, para textos jornalísticos. Considerando que não foram encontrados estudos que observam a utilização da PPP como forma de indicar modalização ao texto, foram consultados autores da Sociolinguística e da Linguística Aplicada.

Cavalcante (2009), por exemplo, baseada nos estudos de Hyland⁵, ao observar as marcas que assinalam o esforço persuasivo do produtor do texto para conquistar audiência, observa dois pilares conceituais: o posicionamento e o engajamento. Ainda, segundo a autora, esses parâmetros abrigam subtipos que podem ser visualizados na Figura 1:

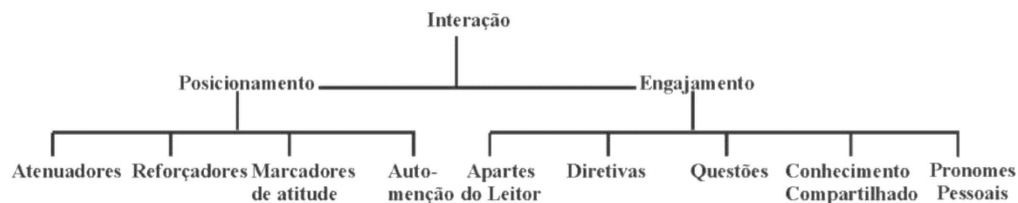


Figura 1: Recursos-chave de interação

Fonte: Cavalcante (2009, p. 350)

O **posicionamento**, segundo Cavalcante (2009, p. 351), é realizado por meio de “[...] atenuadores, intensificadores (ênfatizadores, reforçadores), marcadores de atitude e marcadores de automenção”. Para a autora, são considerados **atenuadores** recursos como **possível, pode e talvez**, uma vez que conferem modéstia ao posicionamento.

Por outro lado, os elementos **reforçadores** são descritos pela autora como elementos apelativos e expressam certeza, convicção e firmeza por meio de palavras como **claramente** e **obviamente**. Sobre estas formas de posicionamento descritas por Cavalcante (2009), observamos que são os mesmos recursos descritos por pesquisadores que estudaram o fenômeno da modalização epistêmica, porém, sob perspectivas teóricas e denominações diferentes.

Cavalcante (2009) também considera como formas de posicionamento os **marcadores de atitude**, que indicam a afetividade do produtor do texto entre as proposições por meio de expressões como **concordar, preferir, infelizmente, apropriado, observável**; e os **marcadores de automenção**, que indicam a presença explícita do autor no texto, como os pronomes pessoais e a primeira pessoa.

O **engajamento**, de acordo com Cavalcante (2009, p. 352), é realizado por meio de expressões metadiscursivas que consideram a presença dos leitores e suas possíveis expectativas e, conforme apresentado na Figura 1, dividem-se em: “*apartes do leitor, diretivos, perguntas, apelos ao conhecimento compartilhado, uso de pronomes pessoais*”. Interpretando as discussões da pesquisadora a partir das correntes teóricas adotadas neste estudo, entendemos que os recursos de engajamento são estratégias inseridas na categoria da Retórica **logos**, que consideram o **pathos** para utilizar os argumentos mais eficazes com o intuito de convencer a plateia sobre determinado ponto de vista⁶.

⁵ A autora teceu considerações a partir da obra de Hyland (1998).

⁶ Discussões sobre esses conceitos serão realizadas na próxima seção.

Os **apartes do leitor**, de acordo com a autora, manifestam a vontade do produtor do texto de intervir explicitamente, interrompendo o argumento para apresentar sua opinião sobre o que está sendo dito. Observemos um exemplo de Cavalcante (2009, p. 352): “Parece-me que estas noções estão, de fato, necessariamente ancoradas no exterior da lingüística trazendo — *de modo ingênuo ou teórico* — concepções do sujeito e de sua relação com a linguagem”. Conforme explicitado, notamos que o conteúdo grifado na citação da autora representa uma forma de engajamento explícito definida como **aparte**.

Em relação à estratégia de **apelo ao conhecimento compartilhado**, a pesquisadora afirma que é utilizada por meio de marcadores em que o produtor do texto chama o leitor para reconhecer algo como familiar ou aceitável. Neste estudo, consideramos este recurso como estratégia de modalização que pode ser observado em vários recortes do *corpus* desta pesquisa, como em *Cult* (2016, p. 36): “[...] **acreditamos** que a consciência individual feminista das mulheres é forjada e potencializada no compasso da consciência militante”.

Os **diretivos**, segundo Cavalcante (2009, p. 352), “[...] orientam o leitor arealizar uma ação ou a observar algo de um modo particular”. Sobre este tipo de expressões de engajamento, notamos que também estão presentes em recortes analisados nesta pesquisa. Podemos citar como exemplo de expressão diretiva no *corpus*, considerando o que se apresenta na *Cult* (2016, p. 36), “[...] é **importante ressaltar** que a consciência militante feminista, embora coletiva, seria impossibilitada sem a existência da consciência individual de cada uma das mulheres”. Sobre as expressões grifadas, notamos que também são consideradas, neste estudo, como uma forma de imprimir modalização epistêmica ao texto.

Considerando também o recurso de engajamento **questões**, Cavalcante (2009) afirma que as perguntas “[...] representam os marcadores interpessoais por excelência, porque convidam o leitor a se engajar, trazendo-o para a arena”. Já os pronomes pessoais, para a pesquisadora, são utilizados como uma forma de o produtor do texto invocar os leitores para compartilhar com eles um ponto de vista. Observamos que nosso *corpus* está repleto de pronomes pessoais sendo utilizados com o intuito de gerar os sentidos discutidos por Cavalcante (2009). Citamos, como exemplo, conforme se verifica na *Cult* (2016, p. 34),

A consciência feminista se refere à percepção da mulher como sujeito de sua vida, o que demanda a ruptura com as mais variadas formas de apropriação sobre o **nosso** corpo, tempo e trabalho, bem como a superação da ideologia de naturalização da subalternidade feminina.

Considerando que as estratégias de **posicionamento** e de **engajamento** descritas por Cavalcante (2009) podem ser interpretadas como recursos de modalização a partir da perspectiva dos teóricos discutidos até aqui, podemos afirmar que os estudos da autora reforçam nossa hipótese de que a PPP pode ser utilizada para imprimir modalização ao texto. Assim, as reflexões aqui apresentadas e ainda as análises, na seção 4, proporcionam o entendimento de que a modalização é um processo que pode ocorrer por meio do modo verbal, do léxico dos verbos, e também pela flexão da PPP.

2.1 PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL: PROCESSO DE MODALIZAÇÃO

Neste tópico, torna-se importante tratar aspectos relativos à flexão dos verbos e ao funcionamento destes no plano textual-discursivo. Assim, recorremos a Travaglia (2015, p. 281), para quem a flexão dos verbos em português está relacionada à expressão de categorias gramaticais “tempo, modalidade, aspecto, voz e pessoa”.

Segundo Travaglia (2015, p. 291), para a categoria pessoa, “[...] consideramos a primeira, segunda e terceira pessoas do discurso no singular e no plural”. Para melhor compreensão da temática, também se recorreu aos estudos de Câmara-Júnior (1970, p. 304):

A pessoa gramatical é a categoria através da qual se marca, se faz referência, se indica, na enunciação lingüística, (a) os participantes da [...] interação verbal: o(s) locutor(es) (1ª pessoa); o(s) alocutório(s) (2ª pessoa) e tudo o que é distinto de ambos (3ª pessoa). Como se vê, cada pessoa é suscetível de um plural, quando o falante: a) se

incorpora numa pluralidade; b) se dirige a uma pluralidade; c) se refere a uma pluralidade distinta de si próprio e do ouvinte.

A PPP, fenómeno que, no âmbito tradicional, para o que citamos Bechara (2015, p. 249), realiza-se pela desinência **-mos**. A partir da utilização da PPP, o orador pode tecer discursos de forma que a pluralidade, a quem ele se dirige, se sinta incorporada, fazendo com que haja uma aproximação da plateia. Na visão de Travaglia (2015, p. 321), “[...] a primeira pessoa do plural aparece em passagens em que o produtor se inclui naquilo de que fala, ou então em trechos em que o produtor do texto usa o que se convencionou chamar de ‘plural de modéstia’”.

Além destas possibilidades semânticas relacionadas à flexão dos verbos na PPP, observamos que outros pesquisadores relataram outros possíveis sentidos que a PPP pode materializar no texto. Titello (2015, p. 87), por exemplo, afirma que aousar a PPP, o produtor do texto “[...] dá, pois, relevo à intersubjetividade, visto que marca, explicitamente, sua presença e a do outro em seu texto”. Nascimento (2013, p. 13) afirma que a PPP também pode ser utilizada com o intuito de atribuir “[...] a si e a outrem a responsabilidade pelo que está sendo declarado. Trata-se, também, de uma tentativa de minimizar a responsabilidade pelo dito”.

Por outro lado, consideramos também estudos da Sociolinguística que observam a língua portuguesa no contexto oral-dialogado. Lucchesi (2009, p. 460), por exemplo, afirma que

O uso do pronome de 1ª pessoa do plural no português abarca vários níveis de referencialidade, desde o seu significado básico, que compreende o falante, o(s) ouvinte(s) e/ou outrem, até o seu significado mais genérico, como índice de indeterminação do sujeito, passando pela possibilidade de referência ao próprio falante, exclusivamente, no que as gramáticas normativas designam plural de modéstia. Assim sendo, essa variável foi estruturada de acordo com os seguintes fatores:

(1) eu + (você(s)) + (ele(s)) [+específico] [...] (2) eu [+/- específico]
[...] (3) indeterminação circunscrita [-específico] [...] (4) indeterminação universal [-específico].

Para a compreensão das categorias propostas por Lucchesi (2009), recorreremos a um recorte da *Cult* (2016, p. 08), o qual foram observados aspectos relativos ao gerenciamento de relação e modalidade:

Para esta edição, **seleccionamos**, entre tantas mulheres extraordinárias deste planeta, algumas que **nos representam**. **Estamos** entrando de cabeça nessas questões e você pode **nos ajudar**, enviando sugestões de pauta e ideias. **Vamos** criar um mutirão em benefício da luta das mulheres. Boa leitura.

Em **seleccionamos**, por exemplo, os demais itens lexicais da frase, para além da PPP, permitem a construção do sentido de que o produtor do texto utiliza o plural de modéstia, uma vez que é utilizado apenas para que os leitores virtuais da revista não considerem o produtor do texto como arrogante. Já o pronome **nos** é acompanhado pelo verbo **representam**; o texto é assinado por um produtor do texto feminino, que pode ser observado a partir da categoria (1) **eu + (você(s)) + (ele(s)) [+específico]**, de Lucchesi (2009), sendo: eu) o produtor do texto; vocês) leitoras da revista; eles específico) as mulheres. Em **estamos** e no pronome **nos**, por outro lado, os demais argumentos do recorte direcionam o leitor a compreender que se trata da categoria (2) **eu [+/- específico]**, sendo: eu) o produtor do texto; específico) a equipe da *Cult*.

Em **vamos**, a construção de sentidos que podem ser observados na categoria (3) **indeterminação circunscrita [-específico]**, considerando que o produtor do texto realiza um convite a um grupo específico: os leitores virtuais da revista *Cult*. Porém, não se sabe, ao certo, quais pessoas aceitarão o convite, gerando uma indeterminação circunscrita. Já em relação à categoria (4) **indeterminação universal [-específico]**, não inserida no recorte, percebemos que é mais utilizada com o intuito de generalizar os sentidos da PPP. Em um discurso político, por exemplo, um candidato poderia afirmar: “**Precisamos** transformar o mundo em um lugar mais sustentável”. Na afirmação, observamos uma indeterminação dos sujeitos que compõem a PPP, sendo universal ou generalizada.

Além do posicionamento da gramática tradicional e do posicionamento de Lucchesi (2009), consideramos também o estudo de Ilari

et al. (2002). De acordo com os pesquisadores, nos pronomes pessoais, a passagem do singular para o plural não significa apenas a pluralização:

Observe-se o pronome pessoal *nós*: não podemos dizer que *nós* seja igual *eu + eu*, mesmo que esse plural não inclua realmente outra pessoa que não a primeira, análise que alguém poderia aplicar a este exemplo, extraído de uma aula de história da arte:

Nós vamos começar pela Pré-história,... hoje exatamente pelo período... do Paleolítico

Afora esse tipo de emprego, em que um indivíduo institui sua fala como a de um grupo mas nele não inclui nem a segunda nem a terceira pessoa (o tradicionalmente chamado “plural de modéstia”), o pronome *nós* constitui tipicamente a soma de *eu + não-eu* pode corresponder a uma segunda ou a uma terceira pessoa ou a ambas conjuntamente, que, por sua vez, podem ser ou singulares ou plurais (ILARI *et al.*, 2002, p. 88, grifos dos autores).

De acordo com os pesquisadores, “[...] essa multiplicidade de referenciação não implica, em geral, ambiguidade, e nem mesmo vagueza” (ILARI *et al.*, 2002, p. 89), uma vez que o contexto fornece as informações necessárias à recuperação dos referentes. Destacamos que, considerando esses posicionamentos, torna-se possível supor que o uso da PPP seja utilizado pelo produtor do texto como um recurso linguístico capaz de orientar a produção de sentidos e de, conseqüentemente, argumentar, o que propomos demonstrar na seção 4.

Depois de proceder às análises propostas nesta pesquisa, percebemos certo vínculo entre a noção geral de modalização epistêmica, e seus subtipos, e a noção de PPP. Primeiramente, é preciso considerar que, nos recortes analisados, como é possível constatar na seção 4, a PPP é acionada para apresentar credibilidade ao que se diz, mesmo que o produtor esteja apenas especulando sobre suas afirmações ou ainda reforçando seu ponto de vista.

Eleger o conceito mais geral de modalização epistêmica significa entender que a PPP pode ser considerada uma marca linguística que orienta para a confiabilidade que o produtor do texto promove de si e também o grau de empatia que espera criar. Sendo assim, a noção de epistêmico esbarra na estratégia pautada na imagem que o produtor promove de si. Na próxima seção, procuramos demonstrar a relação entre a PPP e categorias da retórica. Na seção 4, apresentamos análises que englobam aplicação dos conceitos explorados, adaptados ao objeto de análise aqui em pauta.

3 A RETÓRICA E AS CATEGORIAS *ETHOS*, *PATHOS* E *LOGOS*

O objeto da **retórica**, na perspectiva de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017), é a argumentação persuasiva desenvolvida por meio de um conjunto de procedimentos discursivos mobilizados para conseguir adesão do auditório à tese proposta no discurso. Os pesquisadores observam o fenômeno da argumentação considerando o auditório e o produtor do texto em textos escritos. Assim, Mosca (2001, p. 24), que realizou estudos considerando as pesquisas de Perelman e Olbrechts-Tyteca, afirma que “[...] não existe discurso sem auditório e não há argumentação sem retórica”.

Nessa perspectiva, compreendemos que a retórica só atinge eficácia quando é construída por um produtor com o intuito de conseguir adesão de uma plateia específica, sendo os argumentados adaptados a cada plateia com o intuito de que a aceitabilidade ocorra. Além disso, a reflexão sobre as teorias discutidas nesta seção permite a interpretação de que diferentes recursos linguísticos podem ser utilizados para convencer a plateia.

No caso da edição da *Cult* em que o *corpus* desta pesquisa está inserido, apontamos a importância da utilização da PPP, uma vez que este recurso linguístico imprime no texto sentidos que motivam uma maior aceitabilidade do que é dito pelo produtor do texto na plateia. Alves (2015, p. 92), por exemplo, que observou a utilização da PPP e da Primeira Pessoa do Singular (doravante PPS) em textos jornalísticos, afirma que

No caso das mídias impressas, e das revistas especialmente, são comuns as tentativas de traçar uma espécie de – perfil comum dos leitores por meio de pesquisas e estudos mercadológicos voltados para

a identificação de padrões comportamentais e preferências de consumo. Tal prática resulta no desenho de algo parecido com um – leitor padrão, uma figura imaginada que nasce fundada nos hábitos de leitura dos leitores reais, tentando reunir suas principais características e interesses comuns.

A partir dos conhecimentos que o veículo de comunicação e que os jornalistas possuem sobre o público-alvo, observamos que os textos são adaptados aos preceitos de intencionalidade e aceitabilidade, incluindo também a escolha das pessoas verbais mais adequadas ao gênero textual pretendido.

Considerando as diferentes perspectivas da Teoria Retórica desde sua utilização pelos gregos⁷ até a atualidade, a partir dos estudos de Mosca (2001), Abreu (2013) e Massmann (2017), podemos afirmar que a Retórica sofreu as mais diversas abordagens. Atualmente, convivemos com diversas Retóricas: Retórica Antiga, Retórica Clássica, Retórica das Figuras, Retórica Nova e a Retórica Semiótica, além dos estudos realizados pela Linguística, pela Pragmática, pela Análise do Discurso e pela Semântica Argumentativa.

Essa diversidade teórica, metodológica e terminológica acerca dos estudos em argumentação mostra que o estudo do discurso argumentativo pode ser realizado a partir de diferentes ângulos, como o desta proposição, que considera a argumentação em nível linguístico, especificamente, o fenômeno da modalização, e também como os sentidos desses elementos linguísticos podem flutuar a partir de contextos diferenciados, tecidos pelo próprio produtor do texto.

Em primeiro lugar, consideramos alguns parâmetros da Retórica Clássica, que são motivadoras dos novos estudos na área, especificamente, considerou-se que a argumentação ocorre, principalmente, a partir de três instâncias. De acordo com Aristóteles (2017, p. 45)⁸, existem três meios de persuasão supridos pela palavra falada. “O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espírito; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar”.

Em segundo lugar, consideramos algumas propostas da Nova Retórica. Sobre esta corrente teórica, de acordo com Mosca (2001) e Massmann (2017), devemos destacar a importância dos estudos desenvolvidos pelo Grupo *μ de Liège* (Bélgica). No grupo, surgiram pesquisadores como Perelman e Olbrechts-Tyteca que, segundo Mosca (2001, p. 18), “[...] vêm retomar a velha Retórica e, ao mesmo tempo, renová-la, valendo-se dos avanços trazidos por diversas disciplinas que se configuraram em nosso século: a Linguística, a Semiologia/Semiótica, a Teoria da Informação, a Pragmática”.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017) realizaram seus estudos considerando os três meios de persuasão apontados por Aristóteles (orador, auditório e discurso). Porém, algumas noções apresentadas pelo filósofo grego são substituídas. O conceito de “verdade” defendido por Aristóteles, por exemplo, é substituído pelo conceito de “verossimilhança”, ou seja, alcançará resultados aquele orador que aparentar ser verdadeiro e não o que necessariamente seja. Além disso, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017, p. 91) passam a aplicar as noções teóricas formuladas por Aristóteles também em gêneros textuais escritos.

A partir da leitura de Eggs (2016), compreendemos, na contemporaneidade, que **logos** é o poder dialético do discurso com o intuito da adesão a partir da razão, ou o próprio discurso, uma vez que demonstra algo ou parece demonstrar; **pathos** ocorre no fato de colocar a plateia em certa disposição a partir do lugar em que se inserem (convenções sociais e culturais, contexto e comportamento); e **ethos** caracteriza-se pela imagem de confiabilidade que o orador inspira.

Essas categorias representam um olhar atualizado a partir de observações tecidas ainda por Aristóteles. Nessa perspectiva, considerando as discussões teóricas apresentadas até aqui, entendemos que os sentidos produzidos pelos textos jornalísticos são

⁷ Abreu (2017, p. 27) aponta que a Retórica, ou a arte de convencer e persuadir, “[...] surgiu em Atenas, na Grécia Antiga, por volta de 427 a.C., quando os atenienses, tendo consolidado na prática os princípios do legislador Sólon, estavam vivendo a primeira experiência de democracia de que se tem notícia na História”.

⁸ Para a elaboração desta pesquisa, utilizou-se uma tradução contemporânea do clássico estudo tecido por Aristóteles *Τέχνη ρητορική*, que é dividido em três livros. Torna-se importante destacar que o filósofo viveu na Grécia entre 384-322 a.C, sendo aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande.

influenciados por esta relação entre um orador ou *ethos*; discurso ou *logos*; e auditório ou *pathos*. De acordo com Eggs (2016), o lugar que engendra o *ethos* é o *logos*. Assim, o auditório (*pathos*) atribui ao *ethos* características que considera coerentes. Este movimento influencia na forma em que o *pathos* recebe os argumentos.

Considerando a revista *Cult*, por exemplo, veículo de comunicação do qual o *corpus* desta pesquisa foi coletado, observamos um público-alvo (*pathos*) específico e segmentado. Assim, os textos jornalísticos da revista (*logos*) são escritos e editados (*logos*) com o intuito de atender às expectativas deste público específico. Caso contrário, o *ethos* não conseguiria adesão dos leitores.

As categorias *ethos* e *pathos* são complementares. Assim, foram separadas apenas para melhor compreender o processo que envolve a persuasão. Entendendo que o *ethos* é a imagem do orador no discurso, podemos afirmar que essa imagem não depende apenas do produtor em si, mas também de todo o contexto de comunicação e das paixões da plateia (*pathos*) a partir de uma relação complexa e variável, além do grau de credibilidade que determinado orador precisará possuir para convencer, a depender da relevância da informação (*logos*). Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017, p. 21), para convencer,

Às vezes bastará apresentar-se como ser humano, decentemente vestido, às vezes cumprirá ser adulto, às vezes, simples membro de um grupo constituído, às vezes porta-voz desse grupo. Há funções que autorizam – e só elas – a tomar a palavra em certos casos, ou perante certos auditórios, há campos em que tais problemas de habilitação são minuciosamente regulados.

Para Maingueneau (2016), o *ethos* liga-se ao produtor do texto e à questão de sua legitimidade a partir da fala; ou a partir dos elementos linguísticos, no caso do *ethos* discursivo. Na visão de Maingueneau (2016, p. 69), “[...] além da persuasão por argumentos, a noção de *ethos* permite, de fato, refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva”. Conforme Maingueneau (2016, p. 70), duas razões o levaram a recorrer à noção de *ethos*:

Seu laço crucial com a reflexividade enunciativa e a relação entre corpo e discurso que ela implica. É insuficiente ver a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso apenas como estatuto ou papel. Ela se manifesta também como uma “voz” e, além disso, como “corpo enunciante”, historicamente especificado e inscrito em uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente.

Além disso, o autor também aponta que o *ethos* constrói-se em duas instâncias. Segundo Maingueneau (2016, p. 71), “[...] não se pode ignorar que o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale. Parece, pois, necessário estabelecer uma primeira distinção entre *ethos discursivo* e *ethos pré-discursivo*”.

Por outro lado, Dittrich (2012, p. 283), a partir dos estudos de Plantin e de Perelman e Olbrechts-Tyteca, aponta que o *ethos* pode manifestar-se não apenas nestas, mas em três dimensões a partir de três instâncias enunciativas no discurso: “[...] extradiscursiva, inferida e tematizada. Correspondem, respectivamente, ao *ethos* prévio, ao *ethos* discursivo (construído no discurso) e ao *ethos* que o orador diz de si mesmo, como objeto da própria enunciação – *ethos* tematizado”.

Observando como as instâncias apontadas por Dittrich (2012) se relacionam em textos jornalísticos veiculados na mídia impressa, é possível afirmar que o *ethos* prévio é constituído nas paixões do auditório a partir das convenções sociais e do conhecimento prévio que o público leitor possui a respeito do jornalista, do veículo de comunicação e de sua linha-editorial, manifestando-se, portanto, no *pathos*. Já o *ethos* discursivo e o *ethos* que o orador diz de si mesmo manifestam-se no *logos* por meio da tessitura linguística, materializando-se principalmente em elementos linguísticos conjugados na PPS ou PPP.

Em relação ao *logos*, a reflexão de teóricos como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017), Abreu (2017), Dittrich (2003) e Massmann (2017), possibilita a compreensão da categoria *logos* como a própria tessitura argumentativa do discurso, em que, a partir das instâncias macroestruturais e microestruturais que o *ethos* se manifesta. Segundo Eggs (2016, p. 41), em todos os contextos, “[...] o *logos* convence em si e por si mesmo, independentemente da situação de comunicação concreta, enquanto o *ethos* e o *pathos* estão sempre ligados à problemática específica de uma situação e, sobretudo, aos indivíduos concretos nela implicados”.

4 TRAÇOS DE MODALIZAÇÃO E INSTÂNCIAS DA RETÓRICA EM DOSSIÊ DA REVISTA CULT

A *Cult* tem periodicidade mensal voltada às áreas da Arte, Cultura, Filosofia, Literatura e Ciências Humanas, com uma circulação de 35 mil exemplares, distribuídos em âmbito nacional. Cada edição chega às bancas com um dossiê sobre determinado tema, por meio de amplo debate de ideias de interesse público (CULT, 2018).

O dossiê selecionado para análise está organizado em dezoito páginas. Após a capa, a primeira é composta por uma espécie de introdução que possui cinco páginas, e desdobra-se em: 1) uma *apresentação* do dossiê; e, em seguida, em outros três subtítulos: 2) *A formação da consciência militante feminista*; 3) *Conquistas e desafios históricos do feminismo no Brasil*; e 4) *Considerações finais*. A segunda parte apresenta o *perfil*⁹ de seis mulheres, com personalidades e profissões diferentes, a saber: Alice Ruiz, Bianca Santana, Kenarik Boujikian, Maria Vilani, Rejane Dias e Roberta Estrela D'Alva. Esta segunda parte é organizada em doze páginas.

A Revista *Cult* apresenta o dossiê como uma seção fixa do periódico. De acordo com Rêgo e Moura (2012, p. 116), “[...] a cada exemplar além do dossiê normalmente voltado para temas filosóficos encontramos uma grande entrevista realizada com personagens destacados em suas áreas de atuação”. Considerando nosso *corpus*, por exemplo, observamos que o gênero apresenta não só características estruturais e estilísticas da esfera jornalística, mas também vocabulário e elementos mais comuns em artigos científicos.

De acordo com a *Cult* (2017), pesquisadores e especialistas de diversas áreas do conhecimento, como de Arte, Cultura, Filosofia, Literatura e Ciências Humanas, contribuem na construção das edições da revista. Segundo Tarapanoff (2010), o público-alvo da *Cult* é composto por acadêmicos com interesses em autores estudados em cursos de ciências humanas. Para a autora, na revista, há uma preocupação com a formalidade acadêmica, no entanto, procura-se facilitar a linguagem para que o conhecimento científico chegue ao maior número possível de pessoas.

O dossiê *Percepções do Feminino e Ações Feministas*, edição 210/2016, de forma peculiar, conta com usos bem marcados e que delimitam como o produtor do texto usa a sua imagem para cativar os leitores. Haja vista que essa peculiaridade se mostrava recorrente, este dossiê tornou-se nosso *corpus*.

Para desenvolvimento das análises, optamos pela utilização do termo **recorte**, considerando o conceito de Guimarães (2014, p. 50), que define o termo como “um fragmento do acontecimento da enunciação”. Considerando que observamos como o texto é modalizado, optamos pela utilização do termo **produtor do texto** para indicar a articulista. Para isso, partimos do conceito de Koch (2003, p. 19), que define o “produtor/planejador” como aquele que “procura viabilizar o seu “projeto de dizer”, recorrendo a uma série de estratégias de organização textual e orientando o interlocutor, por meio de sinalizações textuais (indícios, marcas, pistas), para a construção dos (possíveis) sentidos”.

O processo de chamamento, em que o produtor do texto se coloca como receptivo e ao mesmo tempo como voz autorizada, proporcionou inquietação sobre a possibilidade de a PPP funcionar como elemento modalizador. Como não conseguimos encontrar reflexões teóricas sobre esse entendimento, procuramos conduções teóricas na Sociolinguística que observam a utilização da PPP em textos orais-dialogados. Ainda ressaltamos que, no interior do dossiê analisado, não se pode considerar somente a PPP como índice de modalização, uma vez que há o léxico verbal, os argumentos utilizados, e os demais aspectos que envolvam a tessitura do texto. Por isso, para o desenvolvimento deste artigo, podemos considerar que a pessoa do discurso em pauta se soma a todos esses fatores.

Embora não sejam explorados os dados que extrapolam o dossiê como um texto em si, organizado linguisticamente, uma vez que trazemos aqui alguns recortes que representam os fenômenos observados, torna-se interessante registrar que o dossiê sob análise foi escrito pela pesquisadora Mirla Cisne Álvaro, que possui doutorado em Sociologia, pela Universidade de Paris, e em Serviço Social, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – o que confere cientificidade e autonomia para o texto.

⁹ O perfil, comum em revistas, é um gênero jornalístico interpretativo.

Nos recortes selecionados, observamos flutuação entre os sentidos que as ocorrências da PPP produzem. Observamos, por exemplo, que, em alguns recortes do texto, a PPP é utilizada apenas como forma de indicar a opinião do produtor do texto, o que a Sociolinguística define como plural de modéstia.

Observamos que os usos da PPP podem indicar também dois tipos de orientação de sentidos: a primeira a partir de uma plateia circunscrita, constituída pelo público-alvo da revista *Cult* e com capacidade de leitura para tal; e a segunda, quando a PPP cria, na tessitura, uma ilusão de que *outrem* (pessoas que não interagem de forma direta com o dossiê) também interage com o texto, sendo parte de um recurso argumentativo ou *logos* para conquistar simpatia da plateia.

A consulta a Lucchesi (2009) nos proporcionou a distinção em categorias sobre a PPP, considerando a forma de engajamento do produtor do texto com as outras pessoas do discurso, mas de forma adaptada, uma vez que o autor propôs categorias ao observar textos orais e esta pesquisa objetiva analisar textos escritos.

Depois de analisarmos o dossiê, selecionamos os recortes mais representativos e notamos três sentidos diferentes assumidos pela PPP, conforme explicamos abaixo e tentamos demonstrar com a análise dos recortes.

- 1) ***ethos específico*** (para Lucchesi, plural de modéstia), em que o produtor do texto engaja-se com o enunciado como sendo a origem, mas não quer assumir essa posição por meio do pronome “eu”, já que poderia gerar certa antipatia. Em relação à categoria ***ethos específico***, adiantamos que é, geralmente, utilizada pelo produtor do texto com o intuito de orientar a tessitura didática do conteúdo. Conforme veremos a seguir, a modalização produzida pelos elementos inseridos nesta categoria é confirmada, principalmente, a partir da credibilidade do ***ethos***;
- 2) ***ethos + pathos circunscrito***: quando o produtor do texto insere, no engajamento promovido, o ***pathos***; porém, trata-se apenas de um ***pathos*** delimitado, relacionado ao gênero feminino e ao leitor “possível/virtual” do dossiê. Sobre esta categoria, notamos que possui um valor retórico e modalizador alto, considerando que o ***pathos circunscrito*** é incluso no conteúdo e suas expectativas e conhecimentos são considerados, o que amplia o grau de certeza dos argumentos movimentados pelo produtor.
- 3) ***ethos + pathos circunscrito + ilusão de um pathos universal feminino (logos)***: o produtor do texto insere no engajamento promovido o leitor possível/virtual e cria a ilusão de uma segunda plateia composta por *outrem* (todas as mulheres, que, por um motivo ou outro, não têm acesso a esse bem cultural que é a *Revista Cult*). A ilusão da inserção de uma segunda plateia no processo interativo como um recurso do ***logos*** gera, na plateia, a sensação de que o produtor do texto se sensibiliza com os demais, fortalecendo o ***ethos***. Optamos pelo termo ***ilusão*** e classificamos esta escolha como ***logos***, uma vez que apesar de outras pessoas serem incluídas no contexto de interação, a plateia da *Cult* continua a mesma, ou seja, as outras mulheres que serão mencionadas no processo interativo, provavelmente, não terão acesso ao bem cultural intelectual Revista *Cult*.

As categorias ***ethos específico***, ***ethos + pathos circunscrito*** e ***ethos + pathos circunscrito + ilusão de um pathos universal feminino (logos)*** são consideradas com relação ao morfema lexical do verbo, como forma de indício de modalização de teor epistêmico. Porém, ressaltamos, não se trata de um indício que atua isoladamente das porções textuais às quais está vinculada. Para a análise, inicialmente selecionamos todas as ocorrências de PPP no texto, um total de 24, e, na sequência, separamo-las por categoria. Apesar de este estudo divulgar resultados de uma pesquisa ampla, que analisou as 24 ocorrências da PPP, considerando-se a limitação em relação à extensão deste artigo, na sequência, apresentamos análises de 04 recortes mais representativos, para ilustrar diferentes instâncias dos fenômenos constatados:

Recorte 1: O feminismo é entendido aqui, portanto, como um campo de produção de conhecimento crítico e como movimento social voltado para a emancipação humana, o que exige a luta pela superação dessas relações que dão base ao sistema patriarcal-racista- capitalista. Entendemos que o fio condutor dessa perspectiva emancipatória está no processo de formação da consciência militante feminista. (CULT, 2016, p. 33)

No Recorte 01, em ***entendemos***, além das informações constantes no morfema lexical, que é típico do gênero sob análise (embora se trate de lexema também presente em outros gêneros que perfazem o rol do jornalismo), o que gera engajamento e direcionamento

de pontos de vista, a PPP indica que o produtor do texto pretende assumir, mesmo parcialmente, o posicionamento como seu.

A partir da observação do Recorte 01, notamos que a porção textual é um ato ilocutório maneado ideologicamente ao feminismo a partir de três argumentos: 1) campo de produção de conhecimento crítico; 2) um movimento social voltado para a emancipação humana; e 3) a luta pela superação das relações que dão base ao sistema patriarcal-racista-capitalista. Por outro lado, o uso da PPP + os argumentos + o léxico do verbo + o gênero textual e o histórico da revista imprimem ao *ethos* um grau de credibilidade, permitindo que a PPP seja utilizada como um dos recursos capazes de aderir modalização epistêmica ao texto.

Em relação à modalização epistêmica, assumimos que, em **entendemos**, o léxico do verbo aciona sentidos relacionados às crenças do produtor do texto, o qual é vinculado a um alto grau de certeza sobre o que é dito. Por outro lado, a modalização só atinge a eficácia necessária de convencimento na forma em que orienta os sentidos a partir da credibilidade do *ethos*. Nessa perspectiva, notamos uma relação orgânica entre o *ethos específico*, materializado na PPP, e o alto grau de certeza que o verbo imprime.

Considerando que a *Cult* é um veículo de comunicação periódico, entendemos, aqui, que não só as informações presentes no texto, mas também todo o histórico de publicações do veículo de comunicação contribui para a formação do *ethos*, ou seja, as leituras anteriores que a plateia realizou por meio da *Cult* acionam memórias e geram expectativas e credibilidade para novos textos. Em relação à modalização epistêmica, o produtor do texto utiliza os mecanismos descritos acima para imprimir no texto a credibilidade de sua pessoa, e gerar confiança nas leitoras.

Recorte 2: O primeiro eixo é a *apropriação de si*, no sentido de nos **reconhecemos** como sujeitos e **passamos** a lutar por nossa autonomia e liberdade, o que demanda rupturas estruturais e superações ideológicas, a começar pelo modelo hegemônico de família nuclear e a ideologia de naturalização dos sexos. (CULT, 2016, p. 34)

No Recorte 02, as escolhas lexicais e a PPP, em **reconhecemos** e **passamos**, incluem o *pathos circunscrito* ao *ethos*, ou seja, os leitores virtuais do texto (mulheres com conhecimento necessário para o entendimento do dossiê). Cria-se, também, por meio do *logos*, a ilusão da inclusão de um *pathos universal feminino*, composto pelas demais mulheres, das quais muitas possivelmente não terão acesso à leitura do dossiê, ou seja, constatamos, neste recorte, elementos que movimentam sentidos relacionado à terceira categoria aqui proposta: *ethos + pathos circunscrito + ilusão de um pathos universal feminino (logos)*. Para subsidiar essa leitura, citamos o termo *apropriação de si*, que evidencia que o produtor do texto passa a falar das mulheres considerando o papel social e não apenas as leitoras. Analisamos que a tessitura é apresentada dessa forma com o intuito de gerar simpatia na plateia em relação à sensibilidade e às ideias do produtor do texto, imprimindo modalização epistêmica.

Para a análise dos sentidos vinculados à modalização epistêmica impressa nos elementos grifados, consideramos, também, a modalidade presente nos contornos do recorte. O produtor do texto discute os argumentos conjugando os verbos na PPP do modo do subjuntivo, imprimindo no texto sentidos de desejo e crença. No entanto, os verbos também são acompanhados por argumentos que evidenciam a necessidade de garantia de direitos iguais, como “**nossa** autonomia e liberdade”. Aqui, notamos que o pronome grifado reforça o sentido de que os verbos na PPP do Recorte 02 envolvem o *ethos* e um *pathos circunscrito*. Assim, considerando que o léxico do verbo + a PPP + os argumentos imprimem no texto sentidos de que o produtor do texto e a plateia experenciam as afirmações, classificamos esta forma de modalização como evidencialidade direta.

Recorte 3: Ao **adquirirmos** uma consciência feminista, **passamos** a nos perceber como pessoas – **possuímos** um corpo que nos pertence, com vontades e desejos próprios. Ou seja, aqui, **deixamos** de pertencer ao outro e, de apropriadas, **passamos** a nos apropriar de nós mesmas. (CULT, 2016, p. 34)

No Recorte 03, em **adquirirmos**, **passamos**, **possuímos**, **deixamos** e **passamos**, o *ethos* continua a alçar o *pathos circunscrito*; porém, direciona sua argumentação sem criar a ilusão de que outra plateia acompanha o discurso. Essa visão dos recortes é possível na medida em que outros itens lexicais, como os presentes em **consciência feminista**, revelam que a argumentação do produtor do texto volta a ser direcionada ao público intelectualizado. Temos a modalização epistêmica, uma vez que, ao mesmo tempo, os verbos convergem para um grau de certeza e de evidencialidade.

Recorte 4: O segundo eixo, a experiência de *sair de casa e a casa sair de dentro de nós*, significa a ruptura com a naturalização da responsabilização unilateral da mulher pelo lar e pela família. Não basta **trabalharmos** fora do lar e **continuarmos** sendo responsabilizadas pelo trabalho doméstico, por exemplo. Da mesma forma, **podemos** estar trabalhando, estudando e/ou militando e **continuarmos** com toda a carga de responsabilidade com a família e com o lar, ou seja, a “casa pertence dentro de nós”. (CULT, 2016, p. 34)

No Recorte 04, em **trabalharmos**, **continuarmos**, **podemos** e **continuarmos**, além da inclusão do *pathos circunscrito* nos sentidos movimentados pela PPP, o produtor do texto cria a ilusão de um *ethos* que se une a um *pathos universal feminino* no processo de interação, como uma estratégia do *logos*. Esta constatação é possível, se considerarmos que o produtor do texto discute ações socialmente consideradas cabíveis ao papel social feminino de uma forma geral, como em a **responsabilização unilateral da mulher pelo lar e pela família**.

Esta forma de orientar a tessitura pode ser considerada uma estratégia argumentativa com o intuito de aproximar o *ethos específico* de diferentes tipos de *pathos* a partir de interesses que o produtor do texto e as diferentes plateias possuem em comum. Apesar de movimentar este sentido no texto, consideramos que, nos recortes analisados, o produtor refere-se a um *pathos circunscrito* e aciona um *logos* em que inscreve em *pathos universal*.

Em relação à modalização, notamos que a PPP assume teor epistêmico, que oscila entre grau de evidencialidade, como em **trabalharmos** e **continuarmos**, e alto grau de possibilidade, como em **podemos**. Para essa reflexão, consideramos, mais uma vez, os argumentos que possuem sentidos referentes às crenças e ao grau de evidencialidade direta e de alta possibilidade/probabilidade utilizados pelo produtor do texto. Também consideramos os sentidos provocados pela modalidade presente no recorte, impressa no modo verbal, que oscila do modo subjuntivo para o indicativo a depender da intencionalidade do produtor em relação aos sentidos de cada elemento.

As análises aqui realizadas demonstram que a PPP pode ser utilizada como uma das formas possíveis de imprimir modalização ao texto. Por outro lado, ressaltamos que os recortes aqui analisados são restritos e que as reflexões tecidas, para serem conclusivas, exigiriam a verificação em um *corpus* maior, sendo este artigo a divulgação de uma pesquisa que será continuada a partir da análise de novos textos.

Em relação à categoria proposta *ethos específico*, notamos que possui relação orgânica com o alto grau de certeza impresso nos elementos modalizadores. Essa afirmação se justifica considerando que as análises dos recortes demonstram que a credibilidade do *ethos* (conferida pelos argumentos e pelo histórico darevista), aliada aos sentidos de modéstia impostos pela PPP, levam o auditório a confiar nas informações ditas, gerando, na plateia, alto grau de certeza em relação ao dito. Também na credibilidade do *ethos*, notamos que o produtor do texto ancora modalizações epistêmicas diretas.

Em relação à categoria proposta *ethos + pathos circunscrito*, considerando que se refere ao processo de interação que inclui na PPP o produtor do texto e a plateia circunscrita (leitores virtuais da *Cult*), notamos que o produtor do texto consegue utilizar de outros mecanismos de modalização para além dos que necessitam da credibilidade do *ethos*, como as de alto grau de certeza e asseverativas. Destacamos, por exemplo, a modalização epistêmica de evidencialidade e de possibilidade/probabilidade, considerando que são ancoradas em outros argumentos do produtor do texto.

Também a categoria proposta *ethos + pathos circunscrito + ilusão de um pathos universal feminino (logos)* movimenta modalizações epistêmicas que imprimem certeza, possibilidade/probabilidade ou evidencialidade. Por outro lado, os recortes analisados demonstram que os elementos inseridos nesta categoria, neste *corpus*, acionam sentidos mais emotivos, sendo que são ancorados em argumentos relacionados ao papel social feminino de forma generalizada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as reflexões teóricas, por meio da análise do funcionamento da PPP em alguns recortes do texto selecionado para análise, constatamos que o produtor do texto utiliza a PPP com o intuito de conferir três dimensões de sentido, que classificamos como **ethos específico**, **ethos + pathos circunscrito** e **ethos + pathos circunscrito + ilusão de um pathos universal feminino (logos)**. As análises também demonstraram que, no *corpus*, a PPP é utilizada como um dos mecanismos possíveis de modalização epistêmica, movimentando sentidos que evidenciam direcionamento, possibilidade/probabilidade, grau de certeza, evidencialidade, mesmo tratando-se de uma marca de pessoa do discurso.

A flutuação na forma como o **ethos** conduz o processo de modalização torna-se essencial para que os interesses do produtor do texto sejam alcançados. Além disso, evidencia a verificação das categorias aqui propostas, considerando que a PPP está vinculada a outros elementos textuais na conjugação que o produtor do texto promove na sua relação com a plateia. Dessa forma, não só a PPP, mas também o léxico dos verbos e escolhas de argumentos geram o exercício de convencimento estabelecido pelo produtor do texto.

Por meio deste estudo, esperamos trazer contribuições para investigações da área da Sociolinguística, especificamente, na área de Atitudes Linguísticas, da Retórica e sobre modalização linguística, e ainda fornecer subsídios teóricos para observar a PPP como uma estratégia possível de modalização no gênero dossiê e em textos similares e como uma forma de indicar a imagem que o produtor do texto encena de si em três caminhos, ou seja, no **ethos específico**, credibilidade e modéstia; no **ethos + pathos circunscrito**, um articulista que considera a capacidade intelectual e os conhecimentos da plateia; e, no **ethos + pathos circunscrito + ilusão de um pathos universal feminino (logos)**, um produtor do texto que demonstra empatia e sensibilidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. *A arte de argumentar: Gerenciando Razão e Emoção*. 13. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.
- ALVES, I. L. A. *Eu, repórter: Narradores em primeira pessoa nas reportagens de Trip, Tpm e Rolling Stone*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. 2015. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2577767. Acesso em 30 jul. 2018.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução: Edson Bini. 1 rp. São Paulo: EDIPRO, 2017.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- CÂMARA-JÚNIOR, J. M. *Dicionário de filologia e gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1970.
- CAMPOS, M. H. C. Gramática e construção da significação. In: FONSECA, F. I.; DUARTE, I. M.; FIGUEIREDO, O. (org.). *A Linguística na formação do professor de português*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2001. p. 163-174.
- CASTILHO, A. T. Um ponto de vista funcional sobre a predicação. *Alfa*, São Paulo, 38: 75-95, 1994.
- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP; FAPESP, 1993. v. 2. p. 213-261.
- CAVALCANTE, M. M. Metadiscursividade, argumentação e referenciação. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v.38, n.3, p. 345-354, set.-dez. 2009. Disponível em:

http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_27.pdf?/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_27.pdf. Acesso em: 10 out. 2018.

CORBARI, A. T. A negociação em textos opinativos: os elementos modalizadores como estratégia de interação. In: PORFÍRIO, L.; SIQUEIRA, S. (org.). *Colhendo frutos e partilhando saberes acerca da linguagem: diálogos entre pesquisas de um doutorado interinstitucional*. Cascavel: Edunioeste, 2016. p. 155-175.

CORBARI, A. T. *Elementos modalizadores como estratégia de negociação em textos opinativos produzidos por alunos de ensino médio*. 2013. 200 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador. 2013.

CULT. Dossiê Percepções do Feminino e Ações Feministas. In: REVISTA CULT: Especial Frida Khalo, arte e feminismo às próprias custas. Ed. 210, 2016.

CULT. *Sobre*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/sobre>. Acesso em 07 mai. 2018.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M.; PEZATTI, C. Negação, modalidade e evidencialidade no discurso científico. *Estudos Lingüísticos*, n.23, p. 873-878, 2004.

DITTRICH, I. J. O *Ethos* na entrevista jornalística: refazer e desfazer uma imagem. *Caderno de letras da UFF*. Dossiê: Palavra e imagem, n. 44, p. 277-293, 2012.

EGGS, E. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GUIMARÃES, E. Espaço de enunciação, cena enunciativa, designação. *Fragmentum*, v. 1, n. 40, p. 49-68, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/17264>. Acesso em: 23 jul. 2018.

HYLAND, K. Persuasion and context: the pragmatics of academic metadiscourse. *Journal of Pragmatics*, Hongkong, n. 30, p. 437-455, 1998.

ILARI, R. et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (org.). *Gramática do português falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 79-168.

KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LUCCHESI, D. A representação da primeira pessoa do plural. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/p5/pdf/lucchesi-9788523208752-22.pdf>. Acesso em: 07 ago 2017.

MAINGUENEAU, D. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 69-92

MASSMANN, D. *Retórica e argumentação: Percursos de sentidos na biculturalidade*. Campinas: Pontes Editores, 2017.

MOSCA, L. L. S. Velhas e Novas Retóricas: Convergências e desdobramentos. In: MOSCA, L. L. S. (org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. 2 ed. Humanitas: São Paulo, 2001. p. 17-54.

NASCIMENTO, E. P. A modalização e os gêneros formulaicos: estratégia semântico-argumentativa. *Revista de Letras*, v. 1, n. 32, p. 9-19, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revletras/article/viewFile/1441/1340>. Acesso em: 20 abr. 2018.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. V. *Gramática do português falado*. Volume VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 163-199.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

PEIXOTO, T. F. Modalização no enunciado e modalização na enunciação. In: DIAS, L. F.; LACERDA, P. B. G.; DALMASCHIO, L. (org.). *Enunciação e materialidade linguística*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2015. p. 70-77.

PERELMAN, Ch.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

PIETRANDREA, P. *La modalità epistemica*. Cornici teoriche e applicazioni all'italiano. 2001. Tese (Doutorado) – Doutorado em Linguística da Università degli studi di Roma ter, 2001. Disponível em: <http://paolapietrandrea.altervista.org/papers/tesi.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2018.

RÊGO, A. G.; MOURA, R. L. Jornalismo, gêneros e diversidade cultural nas revistas brasileiras. *Intercom – RBCC*, São Paulo, v.35, n.2, p. 101-128, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v35n2/06.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2018.

TARAPANOFF, F. P. A. *Escrever e pensar cultura na contemporaneidade: jornalismo cultural e compreensão*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/02/12-escrever-e-pensar-cultura-na-contemporaneidade.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2018.

TITELLO, D. V. A sintagmatização e a produção de sentidos em redações de vestibular. In: DIAS, L. F.; LACERDA, P. B. G.; DALMASCHIO, L. (org.). *Enunciação e materialidade linguística*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2015. p. 78- 91.

TRAVAGLIA, L. C. Flexão verbal, texto e discurso. In: RODRIGUES, A.; ALVES, I.M. (org.). *A construção morfológica da palavra: gramática do português culto falado no Brasil*. V. 6. São Paulo: Contexto, 2015. p. 281-380.

TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. Campinas, 1991. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Disponível em: www.ileel.ufu.br/travaglia. Acesso em: 01 jun. 2017.



Recebido em 22/02/2019. Aceito em 04/06/2019.